



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-eixo: Ênfase em Fundamentos.

DIÁLOGO DO SERVIÇO SOCIAL COM A ECONOMIA POLÍTICA MARXISTA: CONTRIBUIÇÃO PIONEIRA DA OBRA DE JOSÉ PAULO NETTO

Mavi Rodrigues¹

Resumo: A hipótese que subsidia este texto é que foi José Paulo Netto, quem, através da sua polêmica tese da estrutura sincrética, inaugurou o diálogo do Serviço Social brasileiro com a economia política marxista. Além disso, pretende-se indicar que, em seus textos mais contemporâneos, dedicados à análise dos desafios da profissão na era neoliberal, este diálogo segue sendo aprofundado.

Palavras-chave: Serviço Social – sincretismo – capitalismo monopolista - economia política – neoliberalismo.

Abstract: The hypothesis that supports this text is that it was José Paulo Netto, who, through his controversial thesis of the syncretic structure, inaugurated the dialogue of the Brazilian Social Work with the Marxist political economy. In addition, it is intended to indicate that in its more contemporary texts, dedicated to analyzing the challenges of the profession in the neoliberal era, this dialogue continues to be deepened.

Keywords: Social Work - syncretism - monopolycapitalism - political economy – neoliberalism.

1 O sincretismo profissional: consequência do diálogo com a economia política marxista.

Interpretada, entre a intelectualidade do Serviço Social brasileiro, como uma leitura fatalista da profissão², a tese da estrutura sincrética de José Paulo Netto não obteve, no decurso dos seus dezessete anos de existência, grande audiência no debate profissional. Sua baixa ressonância pode ser atestada nos poucos títulos da bibliografia da área que, desde então, a tomaram como fundamento para análise da profissão³.

¹ Professor com formação em Serviço Social. Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <rodriguesmavi.mr@gmail.com >.

²Cf. as críticas contundentes feitas por Iamamoto a tese de José Paulo Netto em *Serviço Social em tempos de capital fetiche* (São Paulo, Cortez, 2007).

³Salvo engano meu, a tese da estrutura sincrética só obteria alguma ressonância no debate profissional no país nos anos 2000, quando saem à luz publicações que, inspiradas explicitamente no sincretismo, tematizam, sob ângulos muito diversos, os dilemas teórico-práticos contemporâneos do Serviço Social. Dentre elas merecem destaque: *Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro* (São Paulo, Cortez, 2007) de Josiane S. Santos; *Serviço Social: resistência ou emancipação* de José Fernando S. da Silva (São Paulo, Cortez, 2013); *O (A) assistente social na luta de classe* (São Paulo, Cortez, 2015) de Ana M^a Vasconcelos; *Conservadorismo moral e Serviço Social* de Paula Bonfim (Rio de Janeiro, Lumen Juris, 2015); *Lukács e o Serviço Social brasileiro* de Adrianycy de S. Souza (Curitiba, Prismas, 2016) e os excelentes artigos de Jamerson Murillo S de Souza, César Maranhão, Henrique Wellen e Ranieri Carli, publicados na coletânea *Cenários, contradições e*

O objetivo do presente texto não é o de realizar uma crítica à crítica da tese da estrutura sincrética, mas tão-somente o de salientar o que tem escapado às reflexões sobre a mesma: a decisiva contribuição que, através da referida tese, Netto deu para aproximar o Serviço Social brasileiro à matriz teórico-metodológica marxista colhida em suas fontes originais. Se coube ao consagrado texto de 1982⁴ de Iamamoto inaugurar “a interlocução dos assistentes sociais com a obra seminal de Marx” (Netto In: IAMAMOTO, 2013:12), foi *Capitalismo monopolista e Serviço Social*, publicado uma década depois, que principiaria o diálogo do Serviço Social com a economia política marxista⁵.

O reconhecimento dessa capital contribuição requer que situemos a problemática do sincretismo no conjunto das elaborações teóricas que integraram a renovação do Serviço Social no plano internacional em sua vertente de ruptura com o conservadorismo.

Tomada em sua inteireza⁶ e lida sob esse prisma, a tese da estrutura sincrética revela-se, simultaneamente, como continuidade e novidade em face daquelas elaborações. Isso porque seu ponto de partida foram as reflexões de autores que, inspirados na tradição marxista, elucidaram a natureza, o significado e a particularidade da atuação do Serviço Social na ordem burguesa, ou seja, as “descobertas” efetuadas por expoentes da *Intenção de Ruptura*, como V. Faleiros⁷ e M. Iamamoto⁸, como

pelejas do Serviço Social brasileiro, organizada por Ana Elizabete Mota e Ângela Amaral (São Paulo, Cortez, 2016). Ainda que reduzido, este universo contrasta com as duas únicas publicações que registram os impactos da tese de J. P. Netto nos anos 1990: *A instrumentalidade do Serviço Social* (São Paulo, Cortez, 1995) de Yolanda Guerra e *La naturaleza del Servicio Social* (São Paulo, Cortez, 1998) de Carlos Montaña. Vale destacar que tais indicadores, meramente quantitativos, são insuficientes para aquilatar em que medida a incorporação da problemática do sincretismo, por parte da produção teórica da área, é convergente com as formulações originais de Netto. Provavelmente, pesquisa que tenha por objetivo avaliar esta convergência poderá constatar as mais diversas e, até mesmo, colidentes interpretações acerca da referida tese.

⁴ Refiro-me aqui ao texto que foi publicado como a primeira parte do livro *Serviço Social e relações sociais no Brasil* (Cf. Iamamoto In CARVALHO, R.; IAMAMOTO, M. V. 1983).

⁵Tal como aparece na definição dada por Netto e Braz (2006), a economia política marxista corresponde aquelas reflexões teóricas que, incorporando o método materialista dialético e buscando integrar as suas descobertas ao corpo teórico aberto por Marx, se dedicaram a esclarecer as profundas transformações que se processaram na sociedade burguesa desde o último terço do século XIX, quando o modo de produção capitalista atinge um novo estágio e ingressa em sua etapa imperialista. O que, portanto, inclui tanto a produção de pensadores clássicos como R. Luxemburgo, V. Lênin, N. Bukharin, R. Hilferding e outros, quanto a de teóricos marxistas mais contemporâneos como E. Mandel, I. Mészáros, F. Chesnais, D. Harvey etc.

⁶Tomar a tese da estrutura sincrética por inteiro impõe necessariamente a leitura na íntegra das duas partes que compõem a tese de doutoramento de J. P. Netto, ambas publicadas pela Cortez no ano de 1992. A primeira sob o título de *Capitalismo monopolista e Serviço Social* e a segunda intitulada *Ditadura e Serviço Social*.

⁷A publicação de V. Faleiros que foi ponto de partida para a tese da estrutura sincrética foi aquela intitulada *A política social do estado capitalista: as funções da assistência e da previdência social*. São Paulo, Cortez, 1991. 6ª edição.

⁸ As “descobertas” de M. Iamamoto, incorporadas por Netto, foram aquelas que se registram em seus textos elaborados até os anos 1980, quando a autora afirmava que o Serviço Social não

também as contribuições de intelectuais que colaboraram com a renovação crítica da profissão na França, como J. Vérdes-Leroux⁹, e de autores representativos da discussão do *Serviço Social Radical*, vertente crítica do Serviço Social renovado em países de língua inglesa, como J. Galper¹⁰ e, até mesmo, P. Leonard e P. Corrigan¹¹.

Foge ao propósito desse texto demonstrar o que foi incorporado por Netto dessa vasta bibliografia. Mas a título de ilustração, pode-se apontar que todos os elementos que integram a problematização do sincretismo profissional – todos os que fazem uma explícita referência ao caráter ideológico e persuasivo da atuação dos assistentes sociais no enfrentamento das expressões da “questão social” por meio da execução das políticas sociais junto ao cotidiano dos trabalhadores - foram, de modo distinto, e com grau de abrangência diversa, problematizados, sem exceção, pelos autores supracitados.

Contudo, a tese do sincretismo não pode ser concebida como mera reiteração dessas “descobertas” e contribuições; sua novidade residiu em tratá-las como partes de uma estrutura sincrética, o que acabou por elevá-las a um patamar superior.

Tal elevação só foi possível porque o programa teórico de Netto consistiu em explorar, por meio de um diálogo inédito com os clássicos da economia política marxista, o horizonte de análise do Serviço Social anunciado pioneiramente no ensaio de Yamamoto de 1982: o das estreitas conexões e mediações da profissão com a etapa imperialista, tomada como totalidade contraditória e concreta.

Embora tenha sido o ensaio de 1982 a situar, pela primeira vez, no interior da reflexão brasileira, a problemática da gênese do Serviço Social na sociedade burguesa de base monopólica (IAMAMOTO; CARVALHO, 2005:93), foi somente com a publicação de *Capitalismo monopolista e Serviço Social e Ditadura e Serviço Social*, que essa determinação sócio-histórica, ganhando relevo analítico, tornou-se um problema central da reflexão teórica, diacrônica e sincrônica, da profissão.

A específica contribuição do programa teórico de Netto, no interior da elaboração teórica identificada com a Intenção de Ruptura, foi o de ter dado centralidade à análise

desempenhava funções produtivas e situava a profissão no processo de reprodução das relações sociais (Cf. Yamamoto In IAMAMOTO, M.V. e CARVALHO, R. de *Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo, Cortez, 1983 e IAMAMOTO, M. V. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social*. São Paulo, Cortez, 1992). Sobre a significativa diferença que há entre a análise de Netto e a produção de Yamamoto posterior a obra de 1982, o leitor deve consultar o livro de Adrianycze de Silva Souza que tornou acessível ao público a sua tese de doutorado, *Lukács e o Serviço Social...*

⁹Cf o livro de J. Verdès-Leroux vertido para o português sob o título *Trabalhador social. Prática, hábitos, ethos, formas de intervenção*. São Paulo, Cortez, 1986.

¹⁰GALPER, J. *Política social e trabalho social*. São Paulo, Cortez, 1986.

¹¹Livro de P. Corrigan e P. Leonard que fora traduzido para o português sob o título *Prática do Serviço Social no capitalismo: uma abordagem capitalista* (Zahar, 1979).

da substancial relação da profissão, em sua origem, e a envolver com a era monopolista. A estrutura sincrética do Serviço Social, por ele desvelada, é uma decorrência dessa relação.

Entretidos nas conexões e mediações do Serviço Social com a dinâmica econômica, política e cultural da sociedade burguesa de base monopolista, os fundamentos sócio-históricos do sincretismo da prática – a “questão social”, o cotidiano e a manipulação de variáveis empíricas - permitem atestar a correção dessa assertiva.

Problemática que demanda a intervenção do Serviço Social na divisão social e técnica do trabalho, as expressões da “questão social” na idade dos monopólios, alcançando a totalidade da vida social e assumindo um caráter caleidoscópico, fazem rebater no âmbito profissional um conjunto aparentemente sincrético de problemas econômicos, sociais, culturais e biográficos que encobrem a estrutura profunda da totalidade que os originou¹².

Chamados a intervir nas sequelas da exploração do trabalho no cotidiano da população usuária dos serviços sociais com a finalidade de programar a cotidianidade de grupos determinados, os assistentes sociais têm o cotidiano como campo e horizonte da sua intervenção¹³. Os elementos estruturais da vida cotidiana - a heterogeneidade, superficialidade extensiva e imediatividade - impõem um comportamento pragmático e um conhecimento utilitário que obliteram o acesso à consciência humano genérica e à práxis criadora.

Na administração planejada do cotidiano, o profissional do Serviço Social é requisitado a manipular variáveis empíricas, ou seja, a alterar/rearranjar o comportamento ou a situação social (mais ou menos abrangente) de indivíduos e grupos. Dentre as consequências principais dessa modalidade específica de atuação dos assistentes sociais, estão a tendência a recuperar uma intervenção de caráter emergencial/de pronto-socorro, típicos das ações filantrópicas, e a demanda por um conhecimento do social instrumental, assentado numa racionalidade miserável.

¹²O caráter heteróclito e polimórfico da “questão social” já se encontrava evidente numa etapa anterior ao imperialismo, no capitalismo concorrencial, como evidencia o livro escrito pelo jovem Engels entre outubro de 1844 e março de 1845, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (São Paulo, Boitempo, 2008), especialmente na parte intitulada *Resultados* na qual o autor passa a dissecar as consequências da estrutural exploração do trabalho que desbordando a fábrica e o ambiente fabril produz os problemas mais variados: desde a condição habitacional insalubre, a degradação das condições sanitárias, a exposição a doenças, a má alimentação, o uso de bebidas alcoólicas e do ópio como válvulas de escape, até a ausência de assistência médica competente e a ocorrência de acidentes domésticos graves que vitimizam crianças obrigadas a ficar só porque os pais trabalham.

¹³O cotidiano é para Netto não só o espaço no qual se dá a intervenção dos assistentes sociais. Corresponde também a funcionalidade da ação profissional, uma vez que o Serviço Social é concebido como uma das tecnologias sociais de programação do cotidiano, conforme explicitado em seu ensaio *Para a crítica da vida cotidiana* (In Netto, J. P.; Carvalho, M. C. B. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo, Cortez, 1994).

Na problematização teórica aberta por Netto, a prática profissional sincrética corresponde ao momento predominante de análise¹⁴, pois é sobre ela que se erguem os dois outros sincretismos: o ideológico e o científico. Mas não só: é na parte dedicada a tratar do sincretismo da prática que a sua tese, concedendo prioridade aos condicionantes da intervenção profissional na ordem burguesa, consolidada e madura – ou seja, na feliz expressão de Souza (2016: 123): ao “ser precisamente assim da profissão” - transparece como uma abordagem ontológica do Serviço Social.

Não por acaso, ao sustentar a possibilidade do Serviço Social libertar-se da tradição positivista e do pensamento conservador e recolher seus parâmetros teóricos na tradição inaugurada por Marx, Netto adverte, com igual vigor, que este permanecerá “profissão demandada a manipular variáveis empíricas sobre um complexo heteróclito de situações” (NETTO, 2011 a: 149); acrescentando, logo a seguir, que: “a ultrapassagem do sincretismo teórico (...) no Serviço Social não erradica o sincretismo da fenomenalidade do seu exercício profissional” (Idem, 150).

Embora essencialmente realista, em termos ontológicos, essa conclusão não é de fácil tradução. A tentação de localizar aí equivocadamente uma visão fatalista da profissão é grande, uma vez que, dedicado a tratar do sincretismo da prática e da sua (aparente) indiferenciação, o segundo capítulo de *Capitalismo monopolista e Serviço Social* acentua que a inespecificidade operatória aparece para os assistentes sociais como o específico prático do Serviço Social devido a uma situação paradoxal: a profissionalização do Serviço Social erigiu uma prática que, em suas resultantes, pouco diferiu da prática assistencialista não-profissionalizada.

Duas observações podem contribuir para evitar esse equívoco. A primeira é que a prática indiferenciada é, para Netto, tão somente um paradoxo aparente resultante de dois elementos: a funcionalidade das políticas sociais, modalidade de enfrentamento do aparato estatal burguês das refrações da “questão social”, cujo objetivo não é solucioná-las, e as condições para intervenção sobre os fenômenos sociais na sociedade burguesa madura que, correspondente ao padrão de objetividade do ser social, concede às expressões imediatas da vida social uma aparência reificada, objetual e enrijecida, obscurecendo o seu caráter negativo, transitório e histórico¹⁵.

¹⁴Utilizo a expressão momento predominante tal como ela aparece em G. Lukács ao tratar dos princípios ontológicos fundamentais de Marx em sua *Para uma ontologia do ser social I* (São Paulo, Boitempo, 2012).

¹⁵Trata-se aqui do padrão de objetividade da vida social que, assentada no fetiche da mercadoria, é fonte de estímulo para um sistema de saber incapaz de superar a imediatez dos processos sociais, tal como estes se apresentam nos marcos da sociedade burguesa, e que Netto denominando de positividade dispensou tratamento mais aprofundado em *Capitalismo e reificação* (São Paulo, Instituto Caio Prado Jr, 2015).

Ademais, esse paradoxo aparente não lhe impossibilitou de reconhecer o quanto a funcionalidade efetiva da intervenção do assistente social, distinta das protoformas, é posta por uma lógica e estratégia que independem da intencionalidade do agente, nem tampouco de sustentar a manipulação de variáveis empíricas como a forma específica de atuação do Serviço Social¹⁶, o que, de acordo com Netto, facultaria, inclusive, à categoria profissional a possibilidade de estabelecer pautas orientadoras para sua intervenção¹⁷.

Se correta essa observação, legítimo seria então dizer que a prática indiferenciada é a expressão reificada do exercício profissional que não pode ser suprimida por um ato teórico¹⁸. Como parte do fenômeno da alienação em sua forma especificamente burguesa, a reificação da prática do assistente social deve ser concebida como consequência das relações sociais de produção capitalistas, ou, nos exatos termos de Mézáros (2006), como um problema econômico, cuja transcendência exige a luta política pela construção de uma futura economia socialista.

Uma segunda observação, de caráter mais geral, diz respeito ao horizonte de análise da tese de doutoramento de Netto, tomada em sua inteireza. Vimos até aqui que seu programa teórico-crítico consistiu em levar até as últimas consequências a análise da gênese e desenvolvimento do Serviço Social em suas conexões e mediações com a ordem burguesa consolidada e madura. Vimos também que, através desse programa, Netto inaugurou o diálogo do Serviço Social brasileiro com a economia política marxista.

Como resultado desse diálogo, é que o leitor pode encontrar, logo na abertura do primeiro capítulo de *Capitalismo monopolista e Serviço Social*, um rico e denso quadro da estrutura econômica da sociedade burguesa de organização monopolista constituído a partir de uma síntese brilhante das contribuições de distintos autores da tradição marxista, que procuraram esclarecer fenômenos e processos próprios de alterações processadas no modo de produção capitalista em sua etapa imperialista, desde meados do século XIX, e não estudadas pelo autor de *O capital*.

¹⁶A especificidade do Serviço Social para Netto não deve ser confundida como a busca do objeto, método ou teoria próprias da profissão. Em *Ditadura e Serviço Social* ele indica que tal especificidade foi descoberta por Iamamoto em 1982 ao substituir essa busca indevida pela reflexão da relação da profissão nas relações sociais capitalistas e ao tomar o Serviço Social como uma tecnologia social.

¹⁷O leitor atento a produção de Netto certamente perceberá que esta possibilidade não aparece apenas em textos posteriores a publicação da sua tese de doutorado, como diferentemente sugeriu Iamamoto (2007). Não só ela consta da parte final do seu polêmico *Capitalismo monopolista e Serviço Social*, como remonta também as argumentações contidas em dois textos publicados pela Cortez no mesmo ano: "Notas para a discussão da sistematização da prática e teoria em Serviço Social" (In *Cadernos Abess*, 1989. N° 3) e no antológico "O Serviço Social e a tradição marxista" (In *Serviço Social & Sociedade*, 1989. N° 30).

¹⁸Se a teoria não tem o poder de elidir a reificação, sem a compreensão teórica do seu significado social, não há como forjar uma prática consciente capaz de alterar as condições materiais que tornaram possível o fetichismo da mercadoria e, por consequência, os processos reificantes.

Porém, não se deve depreender daí que, na tese da estrutura sincrética, há uma leitura de viés economicista. É sob o ponto de vista da totalidade – totalidade concreta e contraditória - que a etapa imperialista é abordada. Objetivando refletir sobre as condições sócio-históricas da gênese da profissão, o capítulo em tela expõe não só os elementos fundamentais ao conhecimento crítico da estrutura econômica da sociedade burguesa de base monopólica, mas também da sua cultura e das suas instituições políticas, em sua mútua interação.

Foi esse horizonte de análise que possibilitou à tese da estrutura sincrética escapar daquelas abordagens economicistas ou politicistas que conduzem o debate da profissão ao fatalismo ou voluntarismo.

Colidindo com as interpretações que identificam a tese do sincretismo com uma percepção opaca da luta de classes e de seus rebatimentos na profissão¹⁹, está a afirmação feita em *Capitalismo monopolista e Serviço Social* acerca da possibilidade do assistente social, “nas mediações que o Estado burguês [é] compelido, pela ação de classes e frações de classes, a introduzir no trato sistemático das refrações da ‘questão social’ (...) desincumbir-se das suas tarefas contemplando diferencialmente os vários protagonistas sócio-históricos em presença” (NETTO, 2011 a:79). O que abre à prática da categoria profissional “a possibilidade (...) para que rebatam no seu referencial ideal os projetos de vários protagonistas sócio-históricos” (Idem, 78) é o caráter contraditório da base própria da profissionalização do Serviço Social, as políticas sociais, apontadas como um terreno de conflitos de classes “nos quais a atividade profissional é tensionada pelas contradições e antagonismos que as atravessam enquanto respostas [tanto às exigências da ordem monopólica como ao protagonismo proletário]” (Ibid.). Embora aí também acertadamente se ressalte que a opção do tratamento privilegiado dos interesses destes protagonistas dependa da correlação de forças entre as classes em disputa e não apenas da escolha dos agentes profissionais (Ibid.).

¹⁹ Uma leitura rigorosa de *Capitalismo monopolista e Serviço Social* permite demonstrar o quão descabido é supor que, em sua problematização do estatuto profissional, falta-lhe a consideração da política e da luta de classes. Aliás, é na seção 1.3 desta obra, na parte dedicada a examinar o nível da política, que Netto demonstra um inteiro domínio do método materialista dialético ao empreender a análise concreta (que, como propõe o método marxiano, corresponde a síntese de múltiplas determinações) dos projetos políticos que balizaram os confrontos de classe e o desenvolvimento da sociedade burguesa no período clássico do imperialismo. Assentada numa justa compreensão da perspectiva teórico-metodológica inaugurada por Marx, esta análise tem um duplo mérito porque toma as classes (o proletariado, a burguesia e, ainda, as camadas médias, intermediárias entre as duas classes fundamentais do modo de produção capitalista) não como meras categorias abstratas, mas sim como categorias encharcadas de historicidade, isto é, como sujeitos sociais concretos, em correlação e em movimento e também porque afirma o protagonismo do proletariado como elemento decisivo na constituição das políticas sociais públicas no trânsito da era monopolista.

Sem a análise da era monopolista como um todo concreto e antagônico, e sem o reconhecimento do caráter contraditório da profissão, a superação do sincretismo científico não poderia ter sido sequer postulada.

Porém, pode-se dizer mais: não é como mera possibilidade abstrata que a ultrapassagem do sincretismo científico comparece em Netto, mas, sim, como uma efetividade concreta e histórica, quando, na segunda parte da sua tese de doutoramento, a Renovação do Serviço Social brasileiro é problematizada, em especial a sua vertente crítica.

De acordo com *Ditadura e Serviço Social*, tal qual as demais direções teórico-profissionais do Serviço Social renovado brasileiro, a Intenção de Ruptura não esteve livre do sincretismo teórico e do seu inevitável ecletismo²⁰. Todavia, foi em sua expressão mais avançada, naquela obra representativa da sua maioria acadêmica, “na reflexão de lamamoto [de 1982], pedra angular para erradicar da Intenção de Ruptura as contrafrações empiristas, formalistas e (neo)positivistas” (NETTO, 2015: 367), que se abriu a possibilidade da sua superação.

O Serviço Social em tempos neoliberais e a atualização do diálogo com a economia política marxista e da tese do sincretismo.

Ainda que não aludam à questão do sincretismo, os textos de Netto dedicados a analisar o Serviço Social brasileiro na era neoliberal dos anos 1990 e 2000 mantêm uma estreita coerência com o que fora desenvolvido em *Capitalismo monopolista e Serviço Social* e em *Ditadura e Serviço Social*. Em todas essas produções, sem exceção, pode-se encontrar o empenho em investigar a relação indissociável entre o Serviço Social e o capitalismo monopolista²¹, não como um pressuposto de análise restrito ao período

²⁰De acordo com *Ditadura e Serviço Social*, o ecletismo teórico não se restringiu somente ao *Método de BH*, momento de emersão da Intenção de Ruptura, uma vez que se pode identificá-lo também em reflexões profissionais de orientação marxista que se desenvolveram após o primeiro terço de 1980 de maneira distinta da imposição dada por lamamoto. O livro organizado por M^a. Ozanira da Silva *O Serviço Social e o popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura* (São Paulo, Cortez, 1995) resultante de uma pesquisa que submeteu à análise crítica de parte significativa das produções do Serviço Social da segunda metade dos anos 1980 a 1990 vinculadas ao “projeto de ruptura”, atesta a correção da avaliação feita por Netto em sua tese de doutoramento. Tal fato não soará um contrassenso se levarmos em conta dois elementos que elidem qualquer tentativa de aprisionar a análise dessa vertente crítica da renovação num desenvolvimento evolutivo e linear: os diferentes momentos da Intenção de Rupturas, ocorridos nas distintas fases do processo autocrático burguês, e seu caráter pluralista, derivado, como bem observou Souza (2016), das diversas interpretações das fontes que integram o amplo campo da tradição marxista e, ainda, dos diferentes usos dessas fontes para pensar a particularidade da formação social e histórica do Brasil.

²¹Este eixo de análise, anunciado em *Capitalismo monopolista e Serviço Social* (NETTO, 2011: 89), é a base sob a qual se ergue toda a arguta análise teórica efetuada em *Ditadura e Serviço Social* e que comparece, ainda, nas suas publicações posteriores. Dentre as mais atuais, as que

da gênese da profissão, mas sim como um elemento essencial à compreensão dos seus (diversos e constantes) momentos de reatualização, quando o dinamismo histórico-social da sociedade burguesa²² impõe a compatibilização do Serviço Social (e das demais profissões) com as demandas novas que as alterações processadas no capitalismo monopolista fazem emergir²³.

Mas é possível dizer mais: ao examinar os impactos na profissão das transformações societárias operadas na ordem burguesa madura a partir do último terço do século XX, estes textos atualizam o diálogo do Serviço Social com a crítica da economia marxista²⁴ e, por decorrência, o exame da estrutura sincrética, a partir dos três fundamentos sócio-históricos do sincretismo da prática.

Em *Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil* é o aprofundamento do aparente sincretismo da questão social que se pode depreender quando Netto, examinando como elementos próprios da dinâmica da sociedade burguesa madura na terceira fase da etapa imperialista - a reestruturação produtiva e o desmonte do *WelfareState* - alteram e complexificam a estrutura de classes, acentuam a emergência na cena social de uma miríade de segmentos desprotegidos e miseráveis (de migrantes, crianças e adolescentes sem qualquer proteção, velhos com aposentadorias irrisórias, a doentes crônicos estigmatizados).

Também no artigo em tela podem-se recolher insumos teóricos preciosos para aquilatar o avanço da reificação como resultado do avanço das políticas neoliberais de desregulamentação que, por diversos meios, como, por exemplo, a privatização de

são tomadas aqui de forma indireta ou direta são: “Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil” (In *Serviço Social & Sociedade*. Nº 50. São Paulo, Cortez, 1996); “O Serviço Social posto à prova” (In *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, Cortez, Nº 79, 2004); “Das ameaças à crise” (In *Revista Inscrita*. Brasília, CFESS, 2007). “As perspectivas teórico-metodológicas contemporâneas no trabalho social” (In); “Para uma história nova do Serviço Social no Brasil” (In Silva, M^a L. de O. (orgs). *Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo*. São Paulo, Cortez, 2016 a) “Tendências do Serviço Social na América Latina e no Brasil” (In Martins, A. (orgs.) *Serviço Social Portugal – Brasil: formação e exercício em tempos de crise*. Campinas, Papel Social, 2016 b) e “Assistencialismo e regressividade profissional no Serviço Social” (In Braz, M. (org.) *José Paulo Netto: ensaios de um marxista sem repouso*. São Paulo, Cortez, 2017 b).

²²A depender, conforme ressaltado por Netto (2011: 89) do desenvolvimento das forças produtivas, do rearranjo ponderável de padrões jurídico-políticos e do grau de precipitação das lutas de classes.

²³Aliás, é possível dizer que em todas as produções de Netto, inclusive naquelas que desbordam a profissão, há uma preocupação constante em atualizar a economia política marxista por meio de um destringir crítico das “novidades” emergidas nas diferentes épocas da sociedade burguesa consolidada e madura.

²⁴Aliás, é possível dizer que em todas as produções de Netto, inclusive naquelas que desbordam a profissão, há uma preocupação constante em atualizar a economia política marxista por meio de um destringir crítico das “novidades” emergidas nas diferentes épocas da sociedade burguesa consolidada e madura.

empresas e serviços públicos, abrem um espaço cada vez maior para o fetiche da mercadoria. Ilustrativo deste avanço é a ambiência cultural pós-moderna, expressão da universalização da forma mercantil no plano da cultura.

Mas é nas publicações que tematizam o caráter regressivo das modalidades de enfrentamento da questão social pelo Estado burguês regido pelo imperativo da financeirização (NETTO, 2017 a e b) que podemos encontrar fartos subsídios para análise crítica das requisições práticas operativas do Serviço Social na atualidade. Nestes, Netto aponta que a restauração do capital nos anos 1990 e 2000, na busca por conformar um sistema público de proteção social compatível com a dinâmica financeirizada da acumulação do capital, redimensionou a intervenção estatal sobre a questão social, constituindo um padrão de resposta do Estado às refrações da questão social, substancialmente assistencial, marcado por uma resposta minimalista/pobre voltada para os mais pobres.

Legítimo dizer então que este padrão assistencial, tornando-se universal em todos os cantos do planeta, e tendo sido robustecido no Brasil nos governos do PT, com a implantação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) e do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), acentuou os traços típicos da prática indiferenciada tratada em *Capitalismo monopolista e Serviço Social*, ou seja, as respostas às refrações da questão social reduzidas ao domínio do emergencial, do pragmatismo, a requisitar agentes técnicos habilitados não somente a executar, mas também a formular e gerir políticas e programas sociais de caráter assistencial: um perfil profissional regressivo condizente com a regressividade da atuação de um Estado compatível com os interesses de uma dinâmica de acumulação financeirizada e incapaz de assegurar direitos.

Por fim, uma última e curta observação diz respeito ao ângulo de análise do Serviço Social a partir da qual a tese do sincretismo foi elaborada e que se preserva em seus textos elaborados após a sua tese de doutoramento. Vimos anteriormente que as demandas histórico-macroscópicas ocupam, na tese da estrutura sincrética, a condição ontologicamente primária para a correta reflexão teórica acerca do estatuto profissional, do espaço ocupado pelos assistentes sociais na divisão social e técnica do trabalho, dos papéis e requisições profissionais que aí se põem, bem como da sua funcionalidade. Essa prioridade ontológica não significa tomar a profissão como um mero produto de processos sociais macroscópicos. Para Netto, o Serviço Social deve ser pensado como resultante da interação dialética de dois vetores: de um lado, as requisições profissionais postas pela contraditória dinâmica capitalista em sua etapa imperialista e as lutas de classes que ela faz estourar e, de outro, as reservas teórico-práticas acumuladas pelos agentes profissionais, aptas ou não a responder àquelas requisições.

O exame dessa interação dialética, cuja presença é inquestionável na análise da Intenção de Ruptura efetuada em *Ditadura e Serviço Social*, conserva-se em seus textos mais contemporâneos. Ainda que o estrutural sincretismo do Serviço Social não seja explicitamente mencionado, permanece o esforço analítico de problematizar a profissão a partir das demandas sócio-históricas macroscópicas, à luz da economia política marxista, e, em sua ação recíproca, com a cultura profissional²⁵ que, em seu processo de renovação e de avanço da busca de ruptura com o conservadorismo, o Serviço Social brasileiro erigiu. Não se pode entender a contribuição de Netto para o debate da profissão em tempos de imperialismo de hipertrófica financeira sem considerar a persistência deste ângulo de análise que nada tem a ver com uma leitura monolítica da profissão²⁶.

REFERÊNCIAS

BRAGA, R. *A restauração do capital. Um estudo sobre a crise contemporânea*. São Paulo, Xamã, 1996.

BRAZ, M. “O governo Lula e o projeto ético-político do Serviço Social” In *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, Cortez, N° 78. 2004.

_____. “A hegemonia em xeque: projeto ético-político do Serviço Social e seus elementos constitutivos” In *Revista Inscrita*. Brasília, CFESS, 2007.

IAMAMOTO, M. V.; Carvalho, R. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil*. São Paulo, Cortez, 1982.

_____. *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. São Paulo, Cortez, 2007.

_____. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos*. 12ª Edição. São Paulo, Cortez, 2013.

MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo, Boitempo, 2006.

MOTA, A. E. “A centralidade da assistência social na seguridade social brasileira nos anos 2000” In Mota, A. E. (org.) *O mito da assistência social: ensaios sobre estado, política e sociedade*. São Paulo, Cortez, 2008. 2ª edição.

²⁵Cultura profissional que deve ser concebida como complexo teórico, prático e político da profissão tal como sugerido por Netto (1996).

²⁶ Aliás este deve ser o ângulo de reflexão sobre a polêmica tese de crise de hegemonia do projeto ético-político formulado por Netto (2007). Uma interpretação consequente desta controversa formulação impõe retomar a análise dos vínculos indissolúveis entre o Serviço Social e a ordem monopólica, atualizando, assim, a tese do sincretismo a partir de uma investigação que, sob o ponto de vista da economia política marxista, permita desvelar o dinamismo da etapa imperialista em sua terceira fase e em sua inteiração com as reservas teórico-práticas do Serviço Social na contemporaneidade.

MOTA, A. E.; AMARAL, Â. (Orgs.). Serviço Social nos anos 2000: cenários, pejeas e perspectivas. Recife: UFPE, 2014.

NETTO, J. P. "O Serviço Social e a tradição marxista" In Serviço Social & Sociedade. Nº 30. São Paulo, Cortez, 1989 a.

_____. "Notas para a discussão da sistematização da prática e teoria em Serviço Social" In *Cadernos ABESS*. Nº 3. São Paulo, Cortez, 1989 b.

_____. "Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil" In *Serviço Social & Sociedade*. Nº 50. São Paulo, Cortez, 1996.

_____. "O Serviço Social posto à prova" In *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, Cortez, Nº 79, 2004.

_____. "A construção do projeto ético-político do Serviço Social" In Mota, A. E. et alli (orgs.). *Serviço Social e saúde: formação e trabalho profissional*. São Paulo, Cortez, 2006.

_____. "Das ameaças à crise" In *Revista Inscrita*. Brasília, CFESS, Nº 10, 2007.

_____. *Capitalismo monopolista e Serviço Social*. 8ª Edição. São Paulo, Cortez, 2011 a.

_____. "As perspectivas teórico-metodológicas contemporâneas no trabalho social" In Vv. Aa. *O trabalho social França-Brasil*. São Paulo: Sesc/CBCISS. 2011 b.

_____. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo, Expressão Popular, 2011 c.

_____. *Ditadura e Serviço Social*. 17ª Edição. São Paulo, Cortez, 2015.

_____. "Para uma história nova do Serviço Social no Brasil" In Silva, Ma L. de O. (orgs.). *Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo*. São Paulo, Cortez, 2016 a.

_____. "Tendências do Serviço Social na América Latina e no Brasil" In Martins, A. (orgs.) *Serviço Social Portugal – Brasil: formação e exercício em tempos de crise*. Campinas, Papel Social, 2016 b.

_____. "Uma face contemporânea da barbárie" In Braz, M. (org.) *José Paulo Netto: ensaios de um marxista sem repouso*. São Paulo, Cortez, 2017 a.

_____. "Assistencialismo e regressividade profissional no Serviço Social" In Braz, M. (org.) *José Paulo Netto: ensaios de um marxista sem repouso*. São Paulo, Cortez, 2017 b.

NETTO , J. P.; Braz, M. *Economia política: uma introdução crítica*. São Paulo, Cortez, 2010.